O CENTAURO DE CLEÓPATRA

Manhã em brumas, em sã consciência, certa navalha rasga a pele de crostas maduras. O tempo cruel avisa, pacientemente, que a idade avança. As ilusões furtivamente desabam. Ante o espelho Israel, agora imberbe. O vapor que o banho exala ofusca os reflexos daquele ser em que o grande espelho evidencia as entranhas dilaceradas do homem, ali, nu esquelético. O ladrilho musgo, o bolor das frestas, pequenos nacos de sabonetes misturados em um canto do banheiro compreendem os fragmentos daquela alma afoita para ganhar a rua. Banho feito, alma nova, ele se prepara par um novo dia.

Calcificada por artrose múltipla, mãos retorcidas, andar vagaroso, a pele alva numa manhã branca de nuvens espessas. O casal, de um amor cálido, de uma junção estabelecida, se arrisca ao primeiro encontro, o encostar de lábios eterniza o pacto de muitos anos de convívio.

Ela assim, vestido branco, P.J.Harvey em White Chalk, nariz adunco, os cabelos maltratados e negros, solidão no abismo dos olhos, e a paciência e bondade postas na mesa com o café da manhã. Ele não, de camisa engomada de um azul anil, ao cheiro de lavanda, calça jeans para realçar sua suposta jovialidade, o tênis Nike Air que ganhara do sobrinho que vive nos Estados Unidos, a barra da calça alinhada pressupondo potencializar suposta linha abaixo do Equador.

Os olhares se encontram no cortar dos pães, as bocas se molham junto ao café forte, Ele abre um sorriso de generosidade, sobre algo que só aos dois pertence. Sem cerimônia, um meio sorriso Monalisa escapa dos lábios de Cléo à pequena mesa do café, no acanhado mundo em que convivem.

As pequenas aves dão sinal de um novo dia, o resmungar dos carros passa com velocidade calcinante, crianças com vozes estraladas em comunhão universal de afazeres matutinos, cachorros rabugentos e seus donos de merda com narizes apontando intolerância à propriedade das calçadas, formigas a sair de mofos, abelhas esvoaçantes, o chiclete duro ilhado na calçada mascado até o ultimo hálito, um beijo perdido na vitrine de uma farmácia em lilás vagabundo, avenida a cheirar coisas putrefatas, nas casas os olhares disfarçados das beatas nas janelas entreabertas, o pão nosso de cada dia em sacolas homicidas, o novo milênio e o receio de um novo rebento secular, a insanidade das discussões sem assunto, do cotidiano, do avanço ameaçador das igrejas igrejas igrejas das limitações do próximo para com o próximo, da abnegação imposta pelos dias. Venha Armagedon, venha.

Arpejar de corpos, som de talheres não usados, bica, água que cai de torneira encardida, tosse seca de Israel que sorve o primeiro cigarro do dia, vai tomar mel com guaco murmura Cléo da cozinha, se atrevendo a romper a quietude tumular, preocupada com os afazeres domésticos, e a insistência do marido em não procurar um médico. Peremptoriamente uma voz mastigada invade os cômodos daquela casa, a diva do cool jazz Alberta Hunter solta a voz no CD autografado pela cantora num desses concertos em que o casal, tempos de liberdade casual, assistira com amigos em São Paulo. Em algumas apresentações da cantora, Cléo era a primeira a ficar na fila de espera para ganhar poltronas no gargarejo como brincava Israel com a mulher. Assim que os primeiros toques de piano se faziam, e a pequena grande Alberta ao lado do piano destilava a good man is hard to find, os olhos da mulher se iluminavam e o negrume voltava a ser dois grandes lagos serenos, jorrando emoção de liberdade feminina, de estar às voltas com o mundo, com a metrópole, com o cheiro das pessoas, dos casacos, do teatro, do hotel onde se apresentavam artistas de jazz da época.

Era assim, as pequenas lembranças que o casal tivera pela vida afora jaziam diante da vida silenciosa, monolítica, que completava a devoração daqueles dois naquela velha casa da esquina. Ela na cozinha, os cabelos maltratados a enxugar os talheres, os pratos, as lágrimas de todos os dias, Ele não, agora querendo ganhar a rua, refazer as rupturas das quais não conseguira se soltar, como se fossem velhos musgos entrelaçados em seu corpo, como condição viciosa, droga, cocaína pura da mais fina procedência. Dentro daquela casa, plena da garganta de Alberta, as mãos frágeis de Cléo, a chave nas mãos grossas de Israel.

O tempo, certo, interfere. Pequenas mudanças climáticas. Nuvens brancas, dão lugar a nuvens densas carregadas de oscilações e incertezas. Vou ao mercado comprar as coisas, ordena Ele para Ela... O dirigível ligado, Vectra modelo antigo, gostava, achava-o robusto, charmoso, dentro dele, sem mesmo perceber, desaparecia na grandeza do carro, em que, por ser homem tão mirrado, usava uma almofada feita pela esposa para ficar mais alto e dirigir com mais propriedade. Tempos atrás Cléo era a companheira de todos os lugares, no médico, no mercado, nos bailes, na mesa de bar que dividiam, na pequena cidade onde moravam. Contudo, um ressentimento passava pela cabeça do marido, que sofrera com fatos acontecidos. Casualmente Cléo esquecera uma blusa no banco traseiro do carro, era começo de inverno e o frio já deixava sinais de ano mais gelado, ainda mais naquela cidade, próxima de São Paulo, onde o frio e os dias cinzentos eram mais sinistros.

Naquele ano Israel confirmou uma inflamação na próstata, uma Prostatite, foi assim que o dilema começou. Certa feita, sem saber da doença, uma pequena dor o fez entrar em um banheiro público, o cheiro forte do lugar, acre, entorpeceu suas narinas como um clorofórmio, em delírio ficou a observar os homens nas casinhas, nas portas entreabertas os paus dos operários da construção, nas paredes riscadas de palavrões o desenho de um falo e seus testículos rupestres, o toque masculino, o frenesi, o cheiro de sexo possivelmente promíscuo. Aquele homem, de união estabelecida, fora picado por algo que desconhecia, saiu correndo apavorado numa arritmia, sentou-se na calçada atordoado. E o tempo lhe mostrava as garras. Israel estava excitado, em êxtase. Pensara em desaparecer do lugar o mais rápido possível, mas as frases nos azulejos, os olhares daqueles querelles[1] martelavam seu cérebro, o raciocínio em colapso, Deus!, pensara, o que está a acontecer comigo?, gritava internamente a sua dor, o nome de sua mãe vinha à mente, Tessália, oh, minha mãe Tessália, a vontade é retornar ao útero, abrigar-se no líquido da vida, aninhar-se nas carícias maternas. A vergonha o castigava, diluía as chances de grandeza e opulência diante da vida, dos amigos, embora não tivesse filhos para repartir seu legado. Pensou em Cléo...

Os dias contados um a um, a semente jogada na terra úmida, o germinal de uma nova jornada, as estações de trens, as rodoviárias e partidas, o duro recomeçar, as praças públicas, o latrocínio da alma na fragilidade dos dilemas diários, das rupturas escandalosas, da renúncia da vontade agora estabelecida.

Olhos parados diante do espelho, agasalha-se com a blusa esquecida no Vectra, providencial, a face mais dura, o vinco nas linhas de expressão, o cabelo ralo, os dentes cerrados e gastos pela maturação das horas homeopáticas, a figura do homem com aspirações paladinas agora amontoadas feito farrapo humano, seu trauma, sua eterna carnificina, diante de si. Olha novamente pelo espelho retrovisor e engata a marcha para a vampirização matutina, os meninos, serafins, querubins do sexo, sistematicamente batem em sua cara, com os pulsos cortados, Ele, um lobo velho, decrépito, embalando a presa para a sua morada eterna.

Agora os dias são vigiados por pequenos momentos, gestos fortuitos, Israel com seu segredo e vontade, animal de força galopante que se insere ao novo mundo, para ele, agora, comum. O dia

arrasta as micropartículas das folhas movidas pela velocidade do carro de Israel, o homem engomado, o olor do sêmen nas mãos grossas desse ser do novo Olímpo, o carro de volta à garagem, o motor paralisado, a velha casa, ali, diante dele, encostada no portal Cléo, cigarro à mão, copo duplo de alguma bebida, baforadas de fumaça pelas narinas, feita gata em teto de zinco quente louca para ganhar as ruas.